



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

LÍNGUA PADRÃO, MÍDIA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Eunice Gomes da Silva¹

Adriana Alves de Lima²

1. Introdução

Este artigo com o tema voltado à discussão da ideologia do padrão - formal da Língua Portuguesa e o preconceito linguístico que está presente em todos os campos da sociedade e principalmente na escola e ainda enfatizado pela mídia televisiva nos diversos programas, principalmente nos telejornais. O objetivo deste artigo é pensar uma possível solução ou um meio de amenizar situações de atitudes preconceituosas que estão presentes na sociedade.

Desta forma, esse trabalho pretende analisar as variações linguísticas a partir da verificação dos principais conceitos e estudos de teóricos sobre as diferenças entre língua padrão e língua não-padrão que justificam as variações linguísticas e elencar as prováveis causas do preconceito linguístico com relação ao emprego da língua não-padrão.

Considerando a importância da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, este trabalho realiza uma revisão bibliográfica sobre a temática com ANTUNES (2010), FARACO (2008), BAGNO (2006), CALVET (2002), HALL (1998), entre outros e faz análise de uma entrevista com a Consultora da Rede Globo de televisão, professora Dra. Valéria Paz de Almeida que busca estimular a fala espontânea no telejornalismo a fim de tornar a linguagem mais acessível.

A metodologia adotada para este artigo será uma pesquisa exploratória, qualitativa e descritiva com base no levantamento de dados bibliográficos que utilizou como ponto inicial uma entrevista divulgada na Revista Língua: Uma Linguista na TV, com a consultora da Rede Globo de televisão, professora Dra. Valéria Paz de Almeida que busca estimular a fala espontânea no telejornalismo.

¹ Autora - Mestranda em Letras na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR – eunice.silva@unir.br

² Coautora - Mestranda em Letras na Universidade Federal de Rondônia – UNIR – drycaalves25@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da / na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A partir desta pesquisa bibliográfica foram analisadas as principais diferenças entre língua padrão e língua não-padrão, as variações linguísticas, identidade do sujeito e as possíveis causas do preconceito linguístico.

Os sujeitos da investigação são cinco professores de Língua Portuguesa e trinta e dois alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual do município de Ariquemes/RO.

O objetivo de apresentar aos alunos e professores o texto da entrevista é discutir a ideia de uma linguagem padrão mais simples e acessível a todos, para que pudéssemos fazer uma análise sobre a linguagem apresentada pela mídia no telejornalismo. Foi utilizado também dois comentários de telespectadores e leitores: um a favor de uma linguagem menos rebuscada e outro contra, a fim de mostrar aos alunos como acontece o preconceito linguístico e como está arraigado na sociedade.

Em um segundo momento foi apresentado aos alunos os textos da entrevista em que puderam fazer uma análise de como se comportam alguns telespectadores frente a linguagem apresentada nos telejornais.

Posteriormente foi realizado um debate entre professores e alunos sobre o texto da entrevista e os comentários dos leitores que emitiram suas opiniões, onde buscamos subsídios para estabelecer um paralelo entre teoria e prática.

Muitas bibliografias tratam desta temática, e os autores que serviram de base para este trabalho foram selecionados, por apresentarem conceitos teóricos sobre Língua, linguagem, variações e preconceito linguístico. Consideramos importante buscar essa base teórica para compreender como surge e propaga o preconceito linguístico, trazendo conceitos de língua com suas variações regionais, sociais e culturais.

De acordo com Antunes (2010) “a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos (que tem um significado e um significante), deixa de ser apenas um conjunto de regras para definir-se como fenômeno social” Desta forma a língua assume um caráter político, histórico, cultural e social, onde todas as questões linguísticas são também questões políticas sempre vistas dentro das situações de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

interação em um sentido amplo de condições mediadoras de atuações sociais sendo através da linguagem que se transmite valores.

A língua só existe, de fato, em um espaço sociocultural em decorrência de sua funcionalidade. “A língua só pode ser vista como um conjunto sistemático, mas heterogêneo, aberto, móvel, variável: um conjunto de falares, já que é regulado por comunidades de falantes”. (Antunes, 2010, p. 21).

A pesquisa visa compreender o comportamento social e discursivo dos informantes em relação à variedade linguística local, observando suas avaliações e discursos a respeito de sua própria língua e cultura fazendo um comparativo com a linguagem apresentada pela mídia no telejornalismo. Nesse contexto analisamos as atitudes de aceitação ou de rejeição consideradas positivas ou negativas que influenciam o modo como o sujeito: aluno e professor percebem a língua e a cultura do seu grupo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Sociolinguística: Língua e as variações linguísticas na sociedade

A Sociolinguística mescla os estudos de outras duas Ciências: a Sociologia e a Linguística, por isso a importância da Sociolinguística, visto que há uma interação entre sociedade e linguagem. O sujeito, desde quando inicia seu processo de aquisição da linguagem, logo nos primeiros anos de vida, já adquire uma capacidade comunicativa através de sua interação com a sociedade onde começa a ser construída a identidade do falante que envolve todos os elementos possíveis no contexto de comunicação.

O estudo da Sociolinguística começa a ganhar impulso a partir da década de 60 com os estudos de William Labov que analisa o inglês falado na Ilha de Martha's no Estado de Massachusetts (EUA). Nessa perspectiva faz uma análise da fala dos indivíduos e seu comportamento perante o uso da língua ou variante. Para Meillet (1979) “por ser a língua um fator social resulta que a Linguística é uma ciência



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

social, é o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística e a mudança social” (MEILLET 1979 apud CALVET 2002, p.16).

De acordo com Abaurre (2003) “a língua é um sistema estruturado, que por situar-se no âmbito da linguagem, apresenta constantes instabilidades e mutabilidade, características de quaisquer atividades do homem tomado enquanto sujeito historicamente situado em uma sociedade”. Segundo a autora “ não seria possível a existência da linguagem se não fosse a existência do sujeito”, pois é através do exercício contínuo da linguagem que o sujeito dá forma a suas experiências e individualizações que podem definir sua identidade.

Segundo Faraco (2008) “ Somos fundamentalmente seres de linguagem, é difícil separar linguagem de sujeito. É através da linguagem que constituímos seres heterogêneos”. E neste sentido que a escola tem um papel fundamental no ensino da língua, como seres heterogêneos que somos e uma pluralidade cultural que se materializa na linguagem sendo necessário um trabalho de valorização e reconhecimento das variações linguísticas de uma comunidade.

Há uma disseminação muito grande por parte de uma elite linguística de que a Língua Portuguesa é muito difícil e que o brasileiro não sabe falar a própria língua. Sobre esse assunto Bagno (2006, p. 35) comenta: “Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos, na escola, em boa parte não correspondem a língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil”. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”.

A língua é heterogênea, sendo assim é importante ressaltar que a língua é viva e dinâmica. Segundo Bagno (2006, p. 117) “ a língua está em constante movimento - toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação”.

A variação linguística é uma situação real e atual que situa-se paralelamente entre o emprego da língua padrão e a existência das diversas variações da língua não padrão que divergem na produção oral e muitas vezes na escrita. Percebe-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
 VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

de construção sintática que muitas vezes identificam um determinado grupo de falantes. Desta forma as variações linguísticas caracterizam uma comunidade de fala que a utiliza permitindo a continuidade de sua cultura.

Segundo Calvet (2002), temos três parâmetros de variações linguísticas: social, geográfico e histórico, e a língua conhece variáveis nesses três eixos: “variáveis diastráticas correlatas aos grupos sociais) variáveis diacrônicas (correlatas a faixa etária) e variáveis diatópicas (correlatas aos lugares)”. Toda variação pressupõe uma hierarquia, desta forma temos variações “aceitáveis” pela sociedade e variações desprestigiadas, negadas e inconcebíveis por determinadas classes e meios de veiculação. Normalmente a discriminação dos dialetos das classes populares é baseado na ideia de que os falantes não conhecem a norma padrão. Portanto, não sabem falar sua língua materna.

2.2. Variedade padrão e preconceito linguístico

A língua padrão é a língua do poder, associada a escrita e a gramática tradicional é concebida como a única maneira “correta de falar”. Já as variedades linguísticas são consideradas “inferiores”. De acordo com Bagno (2006), “a sociedade acostumou-se a atribuir a um local ou a um grupo de falantes o “melhor” ou “pior” português fazendo com que o círculo vicioso do preconceito linguístico não tenha fim”. A Variação linguística é necessária para as relações sociais.

Considerando a língua um sistema que apresenta uma heterogeneidade, não é possível mais estudar a língua sem levar em consideração a sociedade em que os sujeitos falantes estão inseridos bem como sua identidade, suas marcas individuais e sociais na comunidade linguística. Conforme Antunes, (2010):

O que existe é língua que muda, que varia, que incorpora novos sons, novas entonações, novos vocábulos, que altera seus significados, que cria associações diferentes, que adota padrões sintáticos novos, sobretudo quando esta língua é exposta a variadas situações de uso, a outras interferências culturais.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O preconceito linguístico, segundo Bagno (2006), “é um fato social arraigado no comportamento de muitas pessoas”. Desta forma o preconceito linguístico se apresenta por meio de comportamentos inconscientes, sendo ideologicamente assimilado nas relações sociais e enfatizado pela mídia, muitas vezes de forma implícita e reproduzida pelos ouvintes e leitores.

Conforme Bagno (2006, p.75) “os preconceitos linguísticos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio ser e estar no mundo”.

2.3. Identidade do sujeito e as influências das mídias

Na chamada pós-modernidade, a identidade do sujeito é compreendida a partir de uma visão móvel que é continuamente construída por sistemas culturais ao longo do tempo, esta é incompleta e passa por um processo de formação e em desenvolvimento diante da língua, da cultura e da sociedade.

Em uma sociedade pós-moderna, os discursos apresentam-se impregnados de outros discursos que se entrelaçam possibilitando o surgimento de uma nova concepção de sujeito que “[...] assume identidades diferentes que não são unificados ao redor de um “eu” coerente [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1998, p. 13).

Na pós-modernidade, a questão da identidade encontra-se centrada nas teorias sociais e práticas políticas. Este fato proporciona o surgimento de novas formas de identidade que entram em conflitos com as antigas e que muitas vezes se apresentam em crise e procuram estar em evidência, retratando-se na nova esfera social.

A identidade é um processo contínuo de representações que surge dentre às diferenças constituídas pelo sentimento de pertencimento e influenciadas pelo contexto histórico-social levando em consideração o próprio discurso, compreendendo-o como algo vivo, dinâmico e constante que se relaciona a outros discursos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Desta forma é possível analisar que nesse processo de funcionamento da linguagem, em relação aos sujeitos, sentidos e língua são influenciados pela história e pelo contexto social em que esses sujeitos estão inseridos.

Nesse contexto de acesso à informação, a mídia tem o poder de influenciar e formar opiniões ditando modelos a serem seguidos. Há uma interação entre as crenças e os valores dos indivíduos a partir da variação linguística que a mídia televisiva faz uso.

A linguagem apresentada nos diversos programas, (entretenimento, novelas), a que a maioria dos brasileiros têm acesso, exibidos em horários acessíveis a todas as faixas etárias, utilizam uma linguagem predominantemente informal a fim de aproximar o grande público e obter audiência. É comum as tramas, principalmente da rede Globo, apresentarem personagens de classes sociais e econômicas diversas, com uma linguagem distinta separada e adaptada de acordo com a classe social, ou seja, personagens de comunidades mais pobres utilizam uma linguagem estereotipada e até cômica para dar ênfase à diferença de classe e poder. Esses personagens normalmente não representam o falar de toda uma comunidade, mas tem o poder de influenciar os telespectadores. Em contrapartida também apresentam nos mesmos programas televisivos a linguagem formal dando ênfase ao poder econômico e social.

Ainda que os sujeitos reconheçam o caráter ficcional das telenovelas e programas de entretenimento, acabam se envolvendo com a narrativa a ponto de repetirem e incorporar em seu vocabulário ou mesmo tornar-se confuso com informações distintas ditadas pela mesma mídia.

Por outro lado, a mídia também apresenta uma linguagem “padrão”, com termos técnicos em telejornais que não faz parte do vocabulário cotidiano da maioria dos brasileiros.

Segundo Melo (1985, p.79 apud Azambuja, 2008 p 40), “a cada dez horas de programas exibidos, oito se classificam como de entretenimento. Apenas uma hora é dedicada a programas informativos (jornalísticos) e também uma hora para educativos e especiais”.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Há um conflito no entendimento de uma norma considerada de bom uso que é baseada na linguagem do telejornalismo, enquanto a mídia dedica tempo bem inferior a esta modalidade e continua ditando regras a serem seguidas ignorando as características próprias da língua oral e depreciando outras variedades. Esta mesma mídia reforça a ideia de poder social e econômico quando faz uso de maneira estereotipada de uma linguagem que reafirma o preconceito linguístico nos diversos programas de entretenimento a fim de ganhar a audiência.

Conforme nos apresenta Azambuja os meios de comunicação influenciam as ações do sujeito.

Se o conceito de comunicação engloba a possibilidade de mudança do indivíduo a partir da comunicação, é possível afirmar que o jornalismo pode influenciar as pessoas. As conversas do cotidiano, que ocorrem com base no que foi mostrado no telejornal, acabam por influenciar o que o público vai discutir e opinar [... O público adquire conhecimento e se interessa pelo que aparece na mídia, o que significa que os veículos de comunicação induzem o público sobre o que ele deve pensar e como deve pensar sobre determinados assuntos. (AZAMBUJA, 2008, p.38)

A escola apresenta a variedade padrão da língua portuguesa como um conjunto de regras a serem seguidas e as variedades linguísticas em um segundo plano que muitas vezes não são valorizadas. É principalmente neste ponto que a escola exclui parte da cultura linguística e dá privilégio as classes dominantes que tentam universalizar esta variante.

De acordo com Faraco (2008):

O senso comum também não distingue a norma culta/comum/standard falada da norma escrita. Em consequência, não é rara a crença de que se deve falar como se escreve. Por fim, o senso comum não distingue a norma culta – isto é, a variedade efetivamente praticada pelos falantes letrados nas situações mais monitorada de fala ou escrita - e a norma curta - isto é, os preceitos conforme estipulados pela tradição gramatical normativa conservadora (FARACO, 2008, p.190).

A linguagem apresentada pela mídia televisiva apresenta-se de formas distintas de acordo com o gênero das programações. Ao mesmo tempo em que se utiliza de uma linguagem não-padrão, como por exemplo nos programas de entretenimento; é apresentado também uma linguagem padrão em outros programas e ainda utilizado termos técnicos em telejornais, situação em que o falante entra em



x Simpósio Linguagens e Identidades da/nas Amazônias Sul-Occidental
 VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

conflito no entendimento entre o que deve ou não ser utilizado em determinada situação de uso da linguagem.

De acordo com Cagliari (1999, p 81) “Todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade”.

Podemos então, perceber que a credibilidade é um fato, e se o público absorve o conteúdo televisivo, é possível entender que pode haver uma absorção positiva e construtora se esse conteúdo for educativo e se apresentar em uma linguagem acessível ao telespectador.

Em contrapartida, alguns programas de humor, por exemplo, que apresentam uma linguagem não-padrão considerados “na moda” obtêm espaço significativo na mídia. Diante deste entendimento pode - se compreender que, não é apenas o público que é influenciado pela mídia, mas a mídia também é influenciada pelo público, que busca principalmente a audiência.

3. RESULTADOS PARCIAIS OBTIDOS

A escola selecionada para a pesquisa fica localizada no centro da cidade de Ariquemes/RO, por esta razão possui uma clientela de diversas classes sociais e recebem também alunos da área rural do município. O grupo selecionado para a pesquisa é formado por 5 professores de língua portuguesa e 32 alunos do terceiro ano do ensino médio.

Temos o interesse em analisar e pesquisar como se dá a atuação desses professores diante deste dilema: linguagem padrão, não-padrão, gramática e variações linguísticas. A pesquisa teve como foco a análise da linguagem apresentada pela mídia televisiva, especificamente o telejornalismo da rede globo e as variações linguística na comunidade em estudo levando em consideração as influências do discurso jornalístico e outros programas televisivos presentes no dia a dia desta comunidade.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Inicialmente foi apresentada parte da entrevista aos professores e posteriormente aos alunos: "Percebi que a orientação que os jornalistas de TV mais precisam é a de como adotar uma fala mais coloquial ..."Os maiores problemas de texto no telejornalismo nem são os de gramática, mas a construção artificial das frases, que parecem coisa escrita, mesmo quando faladas por repórteres e locutores", (Almeida, 2015).

De acordo com a entrevista em todos os exercícios de retextualização feitos, o texto ficou mais curto, claro e interessante tornando – o mais descontraído, trazendo as informações de forma mais natural.

Segundo Almeida (2015):

O telejornalismo costuma seguir algumas lógicas da escrita para enunciar suas notícias: usa o tempo sempre no presente, frases sem artigo. Mas ninguém chega em casa e diz: "Carro bate na esquina de casa". Isso não é natural a ninguém que conte uma história, pois se costuma dizer: "Um carro bateu ali na esquina". Ninguém fala "Polícia persegue quadrilha", mas "A polícia está perseguindo uma quadrilha". Falando a gente nem nota, mas em situações desse tipo, não se usa o presente simples para denotar o presente, preferimos usar locuções. Tampouco usamos o verbo "haver" impessoal, mas o "ter". Nem fazemos flexão pretérita para o "haver": "Ela estava sumida havia dez dias", pois a preferência é por deixar o verbo invariável: "Ela estava sumida há dez dias.

Quando questionada se enfrentou alguma dificuldade em inserir essa forma mais simples para o jornalismo Valéria Paz de Almeida responde:

Nenhuma institucional. Só aquelas que a escola inculuiu nas pessoas. Um apego individual à gramática do século XIX. Admite-se que tudo evolui, menos a língua, o que não é real nem fácil de seguir. Mas aos poucos, com sensatez, as pessoas vão descobrindo que a língua é mais do que gramática antiga.

Ainda de acordo com a entrevista, Valéria Paz comenta sobre as dúvidas que surgem e deu exemplos de frases utilizadas no Jornal Hoje:

As dúvidas que os jornalistas me trazem costumam ser gramaticais, mas eu quase sempre descubro que o problema é de outra ordem. Um dia, um repórter me perguntou se esta frase que ele usou numa passagem estava correta: "Nesta feira, vende-se cosméticos que nem água" - o certo é "vende-se" ou "vendem-se", ele me perguntou. Aí eu respondi: o Brasil não fala mais a passiva sintética, mas a questão não é essa. Com o maior jeito, eu mostrei a ele que a frase estava simplesmente mal formulada, pois muito mais espontâneo seria dizer: "Nesta feira, cosmético vende que nem água".



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Chamou-nos, a atenção dois comentários de leitores e telespectadores no fórum de discussão desta entrevista quando a linguista deu exemplos das frases utilizadas no Jornal Hoje, onde um dos leitores critica o ponto de vista apresentado:

Vende "que nem água"? Realmente essas mudanças não me agradam. Simplificar é uma coisa, mas soluções desse tipo são empobrecedoras. Esse jeitinho novo com essa pitada mais coloquial no jornalismo da Globo tem que ter limites, caso contrário vai parecer conversa de boteco”. (Leitor, Entrevista Almeida V. P., 2015)

Outro leitor defende e acredita que a ideia seja interessante e ressalta que há preconceito linguístico no comentário citado:

E "tem que ter" ou "vai parecer" não é típico de conversa de boteco não? Me desculpe, mas o preconceito linguístico é que está impedindo você de ver que todos nós, não importa a classe social, quase sempre nos comunicamos utilizando a norma coloquial e isso não torna ninguém pobre, apenas um bom comunicador. (Leitor, Entrevista Almeida V. P., 2015)

Quando apresentado aos professores o conteúdo da entrevista da consultora linguística do jornalismo da Globo de São Paulo, há 14 anos, Professora Dra. Valéria Paz de Almeida, os professores foram unânimes em concordar com a ideia de que o telejornalismo precisa de uma linguagem mais acessível aos jovens por encontrarem muitas dificuldades em fazer com que os alunos se interessem por ler e assistir aos jornais. Professores dizem que normalmente os alunos não assistem aos telejornais por não gostarem.

De acordo com Almeida (2015) “o trabalho foi realizado aos poucos, mas com jeitinho para não interferir na produção jornalística”. A linguista ressalta que “o feito é inédito numa mídia brasileira acostumada a pensar o idioma apenas como um instrumento de distinção social”

Quando apresentado os comentários dos leitores, já houve uma discordância. Um professor comentou: “É muito difícil essa questão da linguagem mais coloquial no telejornalismo, precisa ter um equilíbrio, senão o professor não vai saber mais o que ensinar”.

Os outros professores continuaram com seus posicionamentos a favor das ideias apresentadas na entrevista e acreditam que seja necessário um repensar



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

na educação, no ensino da língua e também nos métodos de avaliação, porém ainda não sabem como fazer.

Na pesquisa feita com os alunos, também foram apresentados inicialmente a matéria da entrevista e quando questionados se eles concordam com as mudanças sugeridas pela doutora, eles afirmaram que ficaria mais fácil assistir os telejornais, se os jornalistas falassem mais próximos do que eles conhecem.

Alunos disseram que preferem assistir a outros programas enquanto passa o jornal, porque são muitas informações e não entendem o que eles dizem. “Muitas vezes se atrapalham e até pedem desculpas só porque falaram uma palavrinha errada” Diz um aluno.

Num segundo momento foi apresentado os comentários dos leitores quanto a matéria. O primeiro comentário foi totalmente rejeitado. “Não vejo nada demais em falar assim! Isso é preconceituoso, estão chamando a gente de pobre, gente de boteco. Se é uma comunicação para todos a gente precisa entender, o que não dá é aceitar que esse povo diga até como a gente deve falar”. Comenta um aluno.

Já o segundo comentário do fórum foi um consenso entre a turma, disseram que ficam felizes de saber que já têm pessoas mais abertas às mudanças. “Se o jornal tiver um vocabulário mais acessível a todas as classes sociais, ficará mais fácil de assistir” Afirma um aluno.

Pudemos então perceber que neste primeiro momento da pesquisa, os professores ainda têm um certo receio em como trabalhar com as variações linguísticas e dificuldades em dinamizar este trabalho. E que alunos e professores não estão de fato em consenso, enquanto os alunos foram categóricos em defender uma linguagem mais simplificada no telejornalismo, os professores ainda estão confusos ou não sabem como trabalhar diante desta nova perspectiva apresentada.

É por essas razões que propomos um estudo pautado na experiência docente de alguns professores e que busque compreender a trajetória do sujeito-professor de Língua Portuguesa no intuito de estudar o processo de formação, a sua identidade e as novas perspectivas de estudo da linguagem.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A escola e especificamente o professor é portador da responsabilidade de levar o conhecimento aos alunos de forma significativa, pois trata-se de uma instituição que procura desenvolver condições favoráveis de aprendizagem aos discentes. Apesar disso também é vista como um lugar de conflitos entre saberes, memórias discursivas distintas e posições de sujeitos diferentes num processo de identificação ideológicas e inconscientes em uma questão linguística - cultural.

Portanto, entendemos que a Sociolinguística é uma disciplina do conhecimento científico que pode contribuir consideravelmente nesse contexto por meio de estudos sobre a identidade do sujeito e as variações linguísticas e assim, a partir dessa compreensão planejar futuras ações para contribuir com a formação desses docentes. Dessa forma, apresentamos resultados parciais desta pesquisa, porém pudemos perceber que há muito a ser pesquisado sobre as variações linguísticas. Por esta razão se faz necessário um estudo aprofundado de teorias e análise da prática linguística dos docentes em sala de aula, com a intenção de ampliar os subsídios que fundamentam o desenvolvimento de nossa proposta.

Esperamos que essa pesquisa contribua e desperte novos estudos e ações para a formação de professores para educação nesse período chamado “pós-modernidade”, possibilitando um repensar do processo de desenvolvimento da língua como algo vivo e contínuo proporcionando ao educador uma reflexão sobre sua prática a partir de suas experiências.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica foi a base para dar suporte a prática, pudemos observar as características específicas das variações linguísticas. Pois a língua dita como “padrão” e a não-padrão apresentam aspectos heterogêneos que na sociedade influenciam as variações linguísticas.

Diante da análise do preconceito linguístico, percebe-se a presença de indivíduos ditos falantes da língua padrão que ainda não reconhecem as variações linguísticas como enriquecedora para a cultura e ainda apresentam



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

atitudes preconceituosas e uma desvalorização em relação a língua quando expressa em vocabulário mais simples.

Ao analisar como as variações linguísticas são vistas no contexto escolar, verifica-se que há um reconhecimento das variedades linguísticas, mas uma grande dificuldade de aceitação das novas propostas de ensino por parte da escola, onde ela acaba impondo aos alunos apenas o ensino da língua padrão através das gramáticas, desconsiderando as variações presentes na linguagem.

Os professores parecem estar dispostos às mudanças, mas ainda temem não conseguir equilibrar o ensino da gramática com a diversidade da linguagem oral apresentada de forma diferente a cada dia, onde a aula não tem espaço mais para ser repetida, precisa ser reformulada diariamente em uma sociedade que está em constantes mudanças. Muitos professores ainda estão presos às antigas formas de ensino da gramática como sendo a base do ensino em sala de aula.

Além disso, percebe-se que as ações dos professores precisam estar voltadas para atender aos alunos que já estão mais abertos às mudanças sociais e reconhecem melhor a necessidade de aceitação e inclusão das variações linguísticas e anseiam por aulas que contemplem a língua do seu cotidiano para que o estudo seja mais atrativo e significativo.

REFERÊNCIAS

ABAURE, Bernadete. Que é língua? In XAVIER, Antônio Carlos; Cortez, Suzana (orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2010.

ALMEIDA V. P. **Consultora da Globo busca estimular a fala espontânea no telejornalismo**. Revista Eletrônica Língua. 2015. Entrevista disponível em:

<<http://revistalingua.com.br/textos/115/uma-linguista-na-tv-346159-1.asp>>acesso em 18 de novembro de 2015



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

AZAMBUJA C. N. Dissertação de mestrado: **Jornalismo Educativo: Da teoria à prática na TV Universitária.** Universidade Estácio de Sá, 2008. Disponível em:
<http://www.estacio.br/mestrado/educacao/dissertacoes/dissertacao_cintia_azambuja.pdf>

Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, e como se faz.** 47.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 1999.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo, Parábola, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira. Desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade.** 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.